

Chantiers d'Europe

Lisboa – Paris

Marie Plantin

Paris, Junho de 2013: Fim da temporada teatral. As programações jogam as suas últimas cartas antes da pausa de Verão. Assim vai o ciclo da actividade cénica. O mês de Junho ressent-se das férias, do círculo que se fecha antes de se abrir o novo em Setembro. No entanto, é neste período de escassa ebulição, em que a assunção de riscos se reduz cada vez mais, que o renomado Théâtre de la Ville começa o seu Festival inaugurado há quatro anos, *Chantiers d'Europe* [Estaleiro da Europa], dedicado à criação teatral europeia. Uma verdadeira plataforma de artistas e companhias emergentes, ainda desconhecidas a nível internacional, trabalhando fora dos circuitos comerciais e oficiais. Na temporada anterior, a Grécia compartilhou o convite com a Itália. Este ano, na sua quarta edição, Portugal é o convidado de honra, em especial a criação cénica lisboeta, assumindo-se esta edição como dedicada à memória de Joaquim Benite (1943–2012).

Na verdade, trata-se do 15º aniversário do Pacto de amizade e colaboração entre as duas capitais, francesa e portuguesa e, para comemorar este entendimento duradouro, nada melhor do que um acontecimento cultural de grande envergadura aberto – e acessível – ao público, sinónimo de partilha e troca, de descoberta e transversalidade. Oferecia-se, assim, ao espectador francês, a oportunidade de descobrir o que se faz de mais contemporâneo em matéria de artes do espectáculo no país de Pessoa.

Este tempo intenso é organizado pelo Théâtre de la Ville, dirigido por Emmanuel Demarcy-Mota, e cuja localização central, na praça do Chatelet, faz dele um palco privilegiado, um ponto de convergência e de encontro de públicos. Mas a verdade é que se espalha também por diferentes bairros e instituições culturais, como o Monfort, a Maison de la Poésie, o CentQuatre, o Palais de Tokyo, e ainda o Parc Montsouris, a Maison de la Radio e ainda outras instituições, envolvendo ambas as margens, direita e esquerda, da capital. Para esta manifestação o Théâtre de la Ville aumenta o seu potencial de acolhimento, colocando à disposição desta iniciativa os seus vários espaços, mesmo quando não são todos expressamente destinados às representações, como foi o caso da Coupola, do Café des Œillets, bem como a sua segunda sala do Théâtre des Abbesses no 18º distrito. E estes são os muitos palcos que propagam e multiplicam o alcance do acontecimento, ramificando-se e amplificando a programação desta edição portuguesa dos Chantiers d'Europe numa miríade de lugares de expressão.

Acresce ainda que esta edição foi possível graças ao empenho e apoio de parceiros sólidos e solidários – EGEAC, Instituto Camões, Câmara Municipal de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – para que acontecesse esta exuberante concentração de todas as disciplinas artísticas, estando o teatro certamente no coração do evento, mas juntamente com a música, a dança, a *performance*, as artes visuais e o cinema. De facto, o programa não se limitou a uma selecção de eventos teatrais, antes cruzou as diferentes áreas numa mistura fértil e desejável, totalmente em sintonia com a actual tendência das artes para a transdisciplinaridade. O vento que sopra hoje em dia sobre a criação cénica vem semear o caos, um caos dinâmico e revigorante, que mistura os rótulos, confunde

<
Cartaz
Chantiers d'Europe 2013.

Marie Plantin
é crítica de teatro e
dança *freelance*,
colaborando com várias
publicações em França.

< >

*What I Heard About
the World,*

concepção Jorge Andrade,
Alexander Kelly
e Chris Thorpe,
Mala Voadora /
Third Angel, 2013
(< Jorge Andrade,
Alexander Kelly
e Chris Thorpe;
> Alexander Kelly),
fot. José Carlos Duarte .

*Três dedos abaixo
do joelho,*
texto e enc.

Tiago Rodrigues,
Mundo Perfeito, 2012
(Gonçalo Waddington
e Isabel Abreu),
fot. Magda Bizarro.

< >



as pistas, derruba as fronteiras de género, mistura as técnicas e referências. A cena torna-se num laboratório experimental onde todas as artes são convocadas sem inibições nem hierarquias. O teatro em si e *de per si* já não tem razão de ser. Porque é um híbrido. Impuro. Complexo. Em contacto com a sua herança e, contudo, novo. E essa é a sua riqueza. Alimenta-se das novas tecnologias integrando na sua matriz narrativa o vídeo, apela para as artes plásticas e não apenas para o seu dispositivo cenográfico, mas também na maneira de utilizar materiais e cores no palco ao longo da representação, assimilando o corpo do actor a uma máquina orgânica com um potencial infinito, território de experiências extremas, namorando com o *music-hall* salpicando-se de interlúdios cantados, aproximando-se da *performance*, assumindo a presença do público e deixando cair a falsa aparência da quarta parede... Um teatro que se oferece e inventa, que duvida e muda. Que se renova formalmente para melhor interrogar no presente o mundo, a sua História e a sua actualidade. É cosmopolita e comprometido, jovem e impetuoso. Disso deram prova as propostas a que pudemos assistir no âmbito destes *Chantiers d'Europe*, a reconciliação, num tempo condensado, de representações que realçam linhas de força, semelhanças formais, interesses partilhados, preocupações comuns.

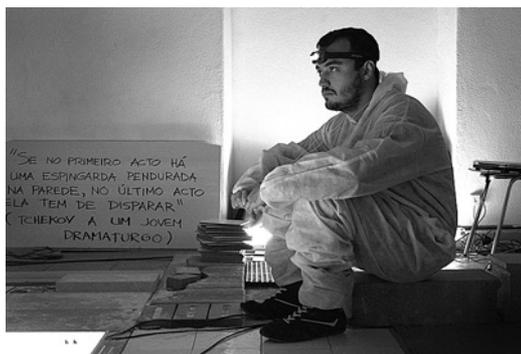
Third Angel + Companhia Mala Voadora: Relatório sobre o mundo

O que notámos em primeiro lugar, porque ostensivo e visível, foi um gosto acentuado pelas cenografias heterogéneas compostas de objectos de toda a espécie e de mobiliário composto saído directamente da loja de velharias da esquina ou da venda de garagem do vizinho. O palco era um concentrado eclético de elementos do exterior, vindos do real. Há quase uma dimensão dadaista para estes *patchworks* cenográficos, que parecem dar

conta dum estado de espírito mais global, como uma maneira de reflectir o próprio absurdo do mundo, a sua abundância, a sua diversidade. No espectáculo *What I Heard About the World* [*O que eu ouvi sobre o mundo*] – pela Companhia Mala Voadora em colaboração com a Third Angel – os actores tornavam-se narradores, ou antes "relatores" de histórias e historietas de dimensão universal, mais ou menos (sur)realista, sendo o verdadeiro muitas vezes difícil de distinguir do falso, encadeadas umas nas outras e apresentadas em simultâneo. Se, aparentemente, não há nenhuma conexão entre cada uma das cenas, a verdade é que o que se apresentava era um inventário do mundo, dramático e lúdico, em torno de problemáticas contemporâneas (como a ecologia, guerras, ditaduras, manifestações, massacres...) e um sentido de uma desumanização generalizada. Uma certa maneira de fazer teatro também do mundo.

Tiago Rodrigues: Fazer teatro da censura

À esquerda da sala, expositores com roupa, à direita, um grande reposteiro de veludo vermelho e pilhas de cadeiras ordenadas em lotes. Ao fundo, uma parede forrada com textos e imagens e, no palco, os móveis estão cobertos com plástico. O encenador Tiago Rodrigues monta o cenário: *Três dedos abaixo do joelho*, faz a *mise-en-abîme* do acto teatral, a sua prática, num contexto específico da História de Portugal, o período da ditadura de Salazar. Baseia-se nos arquivos nacionais do país para a própria matéria do seu espectáculo: os relatórios dos inspectores da censura relativamente às peças e representações teatrais daquele tempo. Em cena, os dois actores, Isabel Abreu e Gonçalo Waddington, apropriam-se desses textos administrativos, apontamentos oficiais que dão testemunho da importância atribuída à arte teatral, à influência que poderiam ter nos hábitos e no pensamento dos cidadãos. Estes relatórios, que justificavam a proibição de



<
Eurovision,
 de André e. Teodósio,
 Martim Pedroso e Pedro
 Penim, Teatro Praga, 2005
 (Pedro Penim),
 fot. Ângelo Fernandes.



>
Discotheater,
 de André e. Teodósio,
 Cláudia Jardim,
 Diogo Bento, Maria João
 Machado, Patrícia da
 Silva, Pedro Penim
 e Vasco Araújo,
 Teatro Praga, 2006
 (Cláudia Jardim),
 fot. Ângelo Fernandes.

*Um gesto que não passa
 de uma ameaça*,
 de Sofia Diaz e Vitor Roriz,
 2011
 (Sofia Diaz e Vitor Roriz),
 fot. Lucian Renitsa.

determinadas peças, e apontavam para as cenas censuradas, revelaram ser uma poderosa mina dramática. Deste modo, por efeito contrário ou ironia do destino, a censura ofereceu, a um tempo muito posterior, um material novo e apaixonante, que revelou ser uma matéria extraordinária para levar à cena, pelo modo como foi utilizada, ao mesmo tempo que mostrava o aspecto absurdo e poético de um dado histórico. Este espectáculo resultou cómico e constituiu uma troça magnífica, desprovida de qualquer rancor, ao mesmo tempo que "promovia" os censores – à sua revelia – a autores "cómicos".

Teatro Praga:

O teatro da Europa

O Teatro Praga tem sido muito falado e há razões para isso. Já acolhido por duas vezes pelo MC 93 de Bobigny, participou nestes Chantiers d'Europe com dois espectáculos, *Discotheater* e *Eurovision*. Este colectivo heterogéneo, que reúne artistas de vários quadrantes (artes plásticas, teatro, música, dança, vídeo) e que funciona como um laboratório de pesquisa e experimentação cénica, produz obras que se revelam *patchworks* de grande movimentação e energia, que convidam a pensar sem excluir o divertimento e a leveza. Em *Eurovision*, performance teatral heterogénea e

que aponta para várias questões, os dois actores em cena, Pedro Penim e André e. Teodósio, partem do famoso Festival Eurovisão da Canção para questionarem, de forma humorística, a identidade europeia, buscando o seu material dramático e filosófico na História, em Beckett, Tchekov e George Steiner, e o seu material verbal numa multiplicidade de idiomas. À escala do espectáculo, é uma imagem da Europa que se vai desenhando associada à própria ideia de teatro e de representação.

Sofia Dias e Vitor Roriz: Quando a língua dança

O multilinguismo é um traço comum da maioria das companhias convidadas. As representações apresentavam grande variedade linguística, o que é um sinal de abertura e integração. Em português, evidentemente, mas também em inglês, francês, ou pelo menos em tentativas louváveis, reflectindo o estado de espírito geral destes artistas prontos para entrar em contacto com a língua e a cultura do outro, conforme o país que os recebe. Foi em Inglês que Sofia Dias e Vitor Roriz apresentaram o seu poema para duas vozes. Como coreógrafos e intérpretes, eles trabalham a palavra e o gesto num mesmo sentido e sem hierarquia. Uma maneira de pôr no mesmo nível o teatro e a dança,

>
A virgem doída,
 de Jean-Arthur Rimbaud,
 enc. Mónica Calle,
 Casa Conveniente, 2012
 (Mónica Calle),
 fot. Bruno Simão (postal).



de explorar as ligações íntimas entre palavras e movimentos. *A Gesture that is Nothing but a Threat* [Um gesto que não passa de uma ameaça] persegue a musicalidade e a plasticidade da linguagem para além do sentido, sondando o seu infinito potencial de metamorfose formal e de significados, numa escansão ofegante em que o corpo todo se encontra envolvido.

Mónica Calle:

O corpo poético

Quanto a Mónica Calle, ela literalmente apropria-se de uma das obras mais famosas de Arthur Rimbaud, *Une saison en enfer* [Uma estação no inferno], numa performance (*A virgem doída*) de rara intensidade. Sozinha, olhos nos olhos com um público restrito, em fileiras serradas (a sala é minúscula), tão perto que a ouvimos respirar, Mónica Calle, de início num francês hesitante, depois em português, totalmente imersa no longo poema, atormentado e vibrante, dum dos maiores poetas franceses. É uma experiência íntima. Perturbadora. Avassaladora. O corpo da actriz-performer é atravessado pelo poema, que perfura a sua alma, expõe o seu coração. A ligação que esta mulher tece com as palavras de outro é um choque físico e estético. Mónica Calle está a descoberto, não recita, ela age o poema, mostra o efeito que tem nela, a sua reacção epidérmica às palavras. O verbo não é oferecido com luvas numa bandeja de prata, a da deferência e da admiração, não: ele é enfrentado, incorporado e devolvido como matéria viva e vibrante, bruta e orgânica, irreverente. A nudez de Mónica Calle irradia fragilidade e força misturadas. A sua voz, grave, ora sussurra ora é uma erupção, ora raspa ora é um rugido. Dos seus olhos maquilhados de preto, por vezes correm lágrimas. As suas mãos enxugam o rosto totalmente lavado. Os seus pés pisam a areia e o carvão no chão. Os seus músculos ficam recortados pelas luzes. O palco ficou abolido na cave abobadada da Maison de la Poésie. O teatro foi varrido

da cena. Tudo aqui é verdade: a pele, as lágrimas, os dedos que deslizam no sexo. O cara a cara com os espectadores é total, inteiro, numa frontalidade trágica. A artista encarrega-se de tudo, luzes e música incluídas. Ela entoa Chico Buarque e é uma carícia. Ela lança-se numa dança frenética, com saltos e braços projetados, ao som da *Sagração da Primavera* de Stravinski e sentimos calafrios. Um transe poético e físico, ritual cheio de ternura e raiva, minimalista no seu dispositivo. Mónica Calle, repõe um espectáculo apresentado há vinte anos, sendo este, por certo, um dos momentos mais espectaculares destes Chantiers. Um dos mais violentamente impressionantes.

Espelhos e reflexos da actualidade

Estes Chantiers d'Europe dedicados à criação cénica lisboeta vêm revelar e valorizar uma nova geração de artistas e companhias independentes que se inscreve não apenas na sua própria História, mas também, mais amplamente, num movimento artístico a nível europeu. Este movimento, perceptível, identificável, reconhecível, feito de tendências cénicas que podem ser identificadas, de formas comuns, não parece ser o resultado inevitável e trágico dum processo de globalização e uniformização das produções. Pelo contrário, parece o sinal tangível duma circulação de ideias, dum mesmo impulso criativo que ignora as fronteiras, um espelho que reflecte o estado actual do teatro na Europa.

Tradução de Sebastiana Fadda